

GUERRA DA UCRÂNIA: PERSPECTIVAS TERRITORIAIS

Pablo Ibañez¹

Larissa Silva²

207

Resumo. Passado mais de um ano da Guerra da Ucrânia, o que se verifica é um conflito que tende a se estender. Para mais além, trata-se de uma retomada mais assertiva de elementos geopolíticos russos herdados da herança imperial com forte ascendência nacionalista e territorial. Sua expansão em áreas de soberania ucraniana segue uma tendência que já vinha sendo observada em outros conflitos, desde pelo menos 2008. O fortalecimento do Complexo Industrial de Defesa tem colaborado com a capacidade de manter suas posições, assim como, no curto prazo, ainda não é possível verificar uma saída plausível para o conflito. Neste sentido, o presente texto pretende abordar elementos teóricos e empíricos que podem contribuir para a leitura geopolítica da guerra e seus possíveis desdobramentos.

Palavras-chave: Guerra da Ucrânia; Geopolítica; Rússia; território.

UKRAINE WAR: TERRITORIAL PERSPECTIVES

Abstract. More than a year after the Ukrainian War, what happens is a conflict that tends to spread. Furthermore, it is a more assertive resumption of Russian geopolitical elements inherited from the imperial heritage with strong nationalist and territorial ancestry. Its expansion into areas of Ukrainian sovereignty follows a trend that has been seen in other conflicts since at least 2008. The strengthening of the Defense Industrial Complex has collaborated with the ability to maintain their positions, just as in the short term it is not yet possible to verify a plausible solution to the conflict. In this sense, this text intends to address theoretical and empirical elements that can contribute to the geopolitical reading of war and its possible consequences.

Keywords: Ukraine War; Geopolitics; Russia; Territory.

¹Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ibanez.pablo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-8668-2257>.

²Filiação Mestre em Relações Internacionais pelo PPGRJ UERJ, pesquisadora voluntária no Laboratório de Simulação e Cenários (LSC) da EGN, larissalarisouza@outlook.com, <https://orcid.org/0000-0003-0769-6971>.

GUERRA DE UCRANIA: PERSPECTIVAS TERRITORIALES

Resumen. Después de más de un año de la guerra de Ucrania, lo que está ocurriendo es un conflicto que tiende a extenderse. Además, se trata de una recuperación más asertiva de elementos geopolíticos rusos heredados de la herencia imperial con fuerte ascendencia nacionalista y territorial. Su expansión en áreas de soberanía ucraniana sigue una tendencia que ya venía siendo verificada en otros conflictos desde por lo menos 2008. El fortalecimiento del Complejo Industrial de Defensa ha colaborado con la capacidad de mantener sus posiciones, así como, en el corto plazo aún no es posible verificar una salida plausible al conflicto. En este sentido, el presente texto pretende abordar elementos teóricos y empíricos que pueden contribuir a la lectura geopolítica de la guerra y sus posibles desdoblamientos.

Palabras clave: Guerra de Ucrania; Geopolítica; Rusia; territorio.

Introdução

Antes mesmo da eclosão da Guerra da Ucrânia, as tensões entre Rússia e Estados Unidos já vinham se elevando, até com trocas de insultos entre seus mandatários. Ainda em 2021, Biden chamou Putin de assassino, publicamente. Naquele mesmo ano, a Rússia subiu o tom sobre treinamentos militares com ajuda estadunidense em solo ucraniano. Já se previa uma invasão, mas não se tinha a precisa certeza de quando e quais seriam efetivamente seus objetivos.

A Rússia, que permaneceu sob ataque discursivo e institucional nas últimas décadas, foi capaz de reestruturar seu sistema de defesa, além disso ampliou suas capacidades estratégicas para sua região de influência nas mais diversas esferas. Foram anos de incentivos e criação de empresas bilionárias que se tornaram alvo de fortes críticas por analistas ocidentais. De certa forma, foi desconsiderada a capacidade de uma invasão nos moldes como a ocorrida. Até hoje ainda se fala da fragilidade do exército russo, sem que haja uma análise mais consistente sobre o que está acontecendo, sobretudo, nas províncias do sul da Ucrânia. Por outro lado, também não se leva em conta a herança de um império territorial que constituiu a maior nação em área do planeta. São aproximadamente mais de dezessete milhões de quilômetros quadrados. O feito remonta às ascensões e quedas observadas desde o início da Dinastia Romanov, a

partir de 1613, passando pela formação e declínio da União Soviética, até chegar ao retorno do nacionalismo russo com a Era Putin, formando o que se constitui uma era pós-soviética.

Com o início do conflito, muitas dúvidas ficaram pendentes, mas havia uma certeza: começa a emergir uma geopolítica onde novos eixos de poder ficaram mais evidentes. É sintomático que a decisão pelo conflito armado tenha ocorrido após a declaração fortíssima de uma ‘parceria sem limites’ pelos presidentes russo e chinês, na abertura das Olimpíadas de Inverno no início de 2022. Não menos relevante é o fato de que a adesão às sanções foi menor do que se esperava, ainda que países europeus tenham feito enorme pressão, como a que o Brasil tem sofrido. Não conseguiram, porém, alcançar países asiáticos extremamente estratégicos, a exemplo da Índia e da Arábia Saudita. Nos BRICS, apenas o Brasil condenou a Rússia, mas não aderiu às sanções.

Algumas dúvidas ainda pairam no ar quando se trata do que está ocorrendo no espaço ucraniano. São vertentes que perpassam elementos militares, sociais e, o que é o foco deste texto, territoriais. A dimensão espacial do conflito tem demonstrado que o avanço russo no leste e no sul da Ucrânia está mais consolidado do que parece, ainda que em meio a um processo devastador e com baixa presença populacional. É fundamental que se atente para esse espectro ainda negligenciado pelos estudos e meios de difusão de informação.

Nesse sentido, o presente texto está estruturado de forma a dar um breve panorama histórico da Rússia pós Romanov, ressaltando de um lado os elementos da geopolítica que têm sido utilizados para tratar do conflito, assim como as teorias clássicas, contemporâneas e, de outro lado, elementos do nacionalismo russo mais recente. Na segunda e terceira partes, serão trabalhadas questões sobre o desenvolvimento e organização da incursão nessas áreas. Parece, no atual momento, ser pouco provável um recuo russo. Por outro lado, o que se apresenta é um retorno de elementos clássicos geopolíticos russos e sua tradição de expansão territorial.

O território importa: a Rússia pós 1613.

Para sustentar que a “construção de impérios estava no sangue dos Romanov”, última dinastia russa, Montefiori (2021:19) trouxe um dado muito interessante: a estimativa de que o Império Russo havia aumentado cerca de 140 quilômetros quadrados por dia ou mais de 520 mil quilômetros quadrados por ano. Um dos “mais espetaculares e bem-sucedidos construtores de império desde os mongóis”. Suas terras ultrapassaram o Estreito de Bering e chegaram ao que hoje é o Alasca, território estadunidense. Com idas e vindas, essa dinastia só acabou com a Revolução de 1917 e a condenação da família real.

Do ponto de vista histórico, até a montagem mais efetiva do regime soviético, que se estendeu para o Leste Europeu e a Ásia central, a Rússia levou pouco tempo para constituir um sistema que governou um dos polos durante um período extremamente belicoso, a Guerra Fria. Ainda que se considere a confederação soviética e não a Rússia propriamente dita, todos os comandos encontravam-se em Moscou, local de nascimento e queda do polo comunista. Trata-se, novamente, de uma força de controle territorial que se estendeu por áreas continentais sem falar em sua influência direta em governos em diferentes cantos do planeta. Não à toa, Black (2008, p.152) recorda que a derrubada do nazismo está associada à expansão da presença soviética de forma incisiva no Leste da Europa, capaz de angariar, na Ásia Menor, que nem sabiam ao certo os propósitos da guerra. Para o mesmo autor, a derrocada do colonialismo teve participação crucial soviética, quando passaram a dar apoio maciço à causa anti-imperialista, especialmente no Sudeste Asiático e na África. No Império Português africano, relembra, houve apoio efetivo aos movimentos nacionalistas da União Soviética e da China. Longe de ser marginal, o sucesso no continente africano, durante os anos de 1970, deu a muitos soviéticos um sentimento de orgulho “em suas próprias realizações e a convicção de que a União Soviética poderia contribuir decisivamente para avanços para o comunismo”.

Após colecionar diversas derrotas militares, econômicas e sociais, a dissolução da União Soviética em 1991 veio acompanhada de um período conturbado em que houve um esboço de aproximação com o Ocidente. Como bem descreve Svarin (2016, p.3), Rússia havia sofrido, além do colapso brutal de sua economia, uma perda territorial considerável, em áreas até então controladas por Moscou, e que compreendia parte na Europa e na Ásia Menor. “Tendo perdido seu status e posição hegemônica na política global após a dissolução da URSS, a elite política da Rússia” tinha um projeto de restabelecer um estatuto semelhante ao que possuía anteriormente, assim que se consolidasse uma transição favorável. A chegada de Putin ao poder veio a coroar um novo momento do país. Porém, ainda havia um longo caminho até chegar no conflito atual, em que o Kremlin passaria de uma visão Euro-Atlantista para uma mais Euroasiática, sobretudo após os incidentes que culminaram com a queda do governo pró Rússia na Ucrânia de Victor Yanukovich. Segundo o autor, ao analisar os discursos da política externa russa como elemento do imaginário geopolítico constituído a partir de três visões – Eurásia, Ásia-Pacífico e Euro-Atlântico -, após a crise, Moscou continuou a reivindicar um papel dominante nos assuntos internacionais, enquanto a sua perspectiva geopolítica regional se tornou mais focada sobre a Eurásia e o potencial da União Econômica Eurasiática como integrador com outras organizações e países.

Serguinin (2016) realizou um esforço profundo para entender o período pós-soviético em diferentes escalas: teórica, conjugando elementos das teorias das relações internacionais, do marxismo e da geopolítica; institucional, a partir de análises das transformações burocráticas e discursivas, tendo em vista *decision-makers*; de política externa, sobretudo, analisando doutrinas e elementos da segurança nacional.

É interessante notar uma clara ruptura a partir de 2014, com a crise na Ucrânia. Se até aquele momento ainda havia uma visão mais voltada para sua inserção no sistema internacional, uma versão atualizada da doutrina militar pelo presidente Vladimir Putin, em 2014, passou a enfatizar o “‘fortalecimento militar da OTAN’ e a expansão do bloco em direção à Rússia fronteiras como sendo os principais perigos externos para a segurança da Rússia” (SERGUININ, 20216, p. 164).

Antes mesmo dessa guinada geopolítica, um dado muito relevante, por vezes desconsiderado pelos analistas, ajuda a explicar o que se vivencia hoje: houve um aumento maciço dos investimentos no seu Complexo Industrial de Defesa. Segundo Davis (2020, p.105), o período entre 2000 e 2019 foi marcado pela implementação de inúmeras políticas industriais com impacto considerável na indústria de defesa: “a Estratégia Gref 2010 (cobrindo 2000–2010); a Estratégia 2020 (2012–2020); a Lei Federal n. 488-FZ de 31 de dezembro de 2014 ‘Sobre a política industrial na Federação Russa’ (...) e a Estratégia Kudrin para a Rússia durante 2018–2024 (refletido no Decreto Presidencial de maio de 2018 sobre reformas até 2024)”. Farias (2022) argumenta que o fortalecimento de dispositivos nucleares e sistemas de mísseis acabou produzindo nos EUA a percepção de que a vantagem militar do país estava sendo reduzida pelos avanços russos.

Do ponto de vista geopolítico. Roseira (2023, p.2) aponta que a Rússia contemporânea

tem bases profundas num longo e violento processo de formação territorial/expansão internacional fundado por Ivan, o Terrível (1530-1584), e consolidado por Pedro, o Grande (1672-1725), e Catarina, a Grande (1729-1796). Mas é, também, herdeira da modernização científico-tecnológica conduzida pela União Soviética, fator expresso por sua poderosa indústria bélica e a posição de superpotência militar. Amparado pela ampla trajetória de expansionismo imperial sob o czarismo e o comunismo, é dito no jargão geopolítico que a Europa Oriental e o Cáucaso são áreas de influência natural da Rússia no seu front ocidental. Após o papel determinante na escalada dos conflitos entre as grandes potências durante as duas guerras mundiais e a era bipolar, essas regiões têm sido decisivas à estratégia de reerguimento do poder nacional conduzida de modo pragmático por mais de duas décadas.

Desde a primeira crise na Ucrânia, Costa (2015, p.4) chamou atenção para a retomada russa e o ressurgimento das disputas com base em variáveis geopolíticas clássicas, pela “atuação dos estados nacionais e, sobretudo, das grandes potências, na defesa dos seus interesses e no aumento das suas reservas de poder, um padrão geral que explicita um sistema político em permanente busca pelo equilíbrio de poder”. Para Roseira (2023, p.5), a “Era Putin resgata a crença de setores nacionais no ‘destino manifesto’ russo entre as grandes nações”. O que não se esperava era uma conjuntura

de enfrentamento tão radical dentro do continente europeu, com a eclosão de uma guerra e a emergência de uma ‘parceria sem limites’ que colocaria ainda mais em evidência a Eurásia, reestruturando, inclusive, apoios regionais, como o indiano, o afegão e o saudita, de maneira a desenhar um novo momento da geopolítica.

Do aumento das tensões às consequências da incursão

A invasão ao território ucraniano não começou apenas em 24 de fevereiro de 2022. Na verdade, a ocupação política e militar de territórios ucranianos por Moscou vem ocorrendo desde a anexação da península da Crimeia e do início da Guerra Civil no Donbass (Luhansk e Donetsk). O estágio atual da guerra é apenas uma continuação dos acontecimentos de 2013 e 2014, e das mudanças de política externa que vigoram desde ascensão de Vladimir Putin ao poder e que se coadunam com ideias e visões nacionalistas russas.

Os rumores sobre uma possível intervenção russa no país vizinho começaram a circular na mídia ainda no final de 2021, durante a pandemia de Covid19. Naquele momento já existia o aumento da tensão na fronteira russo-ucraniana, que depois de alguns meses estouraria e daria início a um conflito que pode ser classificado como a maior disputa bélica na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

A situação deixa de ser apenas rumor com a assinatura, por Putin, em 21 de fevereiro de 2022, de um decreto que reconhece formalmente a independência das regiões separatistas de Luhansk e Donetsk. Este fato ocorreu no momento de escalonamento das tensões e quase oito anos depois do início da Guerra Civil no Leste da Ucrânia e da anexação da península da Crimeia. Com esse reconhecimento, parte da *Novorossiya* se tornou “livre” para integrar novamente a Rússia, assim como a região no Mar Negro, anos antes. Poty (2022, p.51) destaca que *Novorossiya*, que significa “Nova Rússia”, é a nomenclatura histórica utilizada para denominar a região Leste e Sul da Ucrânia conquistada pelo Império russo durante o reinado de Catarina, a Grande, na guerra de 1768-1774 contra o Império Otomano.

A manobra de independência das áreas separatistas pavimentou o terreno para o início das ações militares russas na Ucrânia. Três dias após o pronunciamento, o presidente Putin (2022) anunciou, em um longo discurso televisionado, que a Rússia lançava uma ‘Operação Militar Especial’ no país vizinho com objetivo de ‘desnazificar’ e ‘desmilitarizar’ as regiões separatistas, e proteger os povos de origem russa no leste da Ucrânia que estariam sofrendo perseguição e uma tentativa de genocídio por parte das autoridades ucranianas. Ele destacou, ainda, que a expansão da OTAN em direção as fronteiras russas foi uma das forças por trás da operação e que a própria Rússia estava com a segurança ameaçada naquele momento.

Sabe-se bem que durante trinta anos temos tentado, com persistência e paciência, acordar com os países-líderes da OTAN sobre os princípios de segurança igualitária e indivisível na Europa. Em resposta a nossas propostas sempre enfrentamos engano cínico e mentiras ou tentativas de pressão e chantagem. Enquanto isso, a Aliança Atlântica, apesar de todos os nossos protestos e preocupações, continua se expandindo (...) e está chegando mais e mais perto de nossas fronteiras. (PUTIN, 2022, tradução nossa).

É preciso pontuar as justificativas por trás da deflagração da operação nas análises sobre o início do conflito, que os russos ainda não chamam de guerra, pois não são novas. Por exemplo, o argumento de nazificação da Ucrânia e a proteção dos falantes de russos (e dos chamados compatriotas) foi mobilizada em 2014, após os protestos do EUROMAIDAN, para justificar a anexação da Crimeia. Tanto os representantes do governo em órgãos como ONU quanto o primeiro-ministro e o ministro das relações exteriores construíram embasamentos a partir dessas ideias, de modo a securitizar o tema e justificar a ação.

Do lado ucraniano, autores como Taras Kuzio (2022) argumentam que, ao contrário do discurso pregado por Moscou, a Rússia invadiu a Ucrânia (que seriam os pequenos russos) porque Putin tem uma longa obsessão com o país e o enxergar como parte da história russa assim como os bielorrussos (russos brancos) que, juntos, formariam um único povo eslavo. Os nacionalistas russos, e o próprio governo russo, mobilizam esse argumento de história única (com seu teor nacionalista e por vezes de grande império) e passado comum como uma espécie de prova do destino manifesto das três nações e

como justificativa para anexar territórios e justificar incursões em outros territórios do espaço pós-soviético. Dessa forma, é possível argumentar que a invasão atual é uma continuação do que começou em 2014, não só pelas mobilizações de discursos que possuem o mesmo teor histórico e justificativas, mas, também, devido às ações que ocorreram antes em território ucraniano.

Ademais, a questão territorial novamente se faz presente e aponta para um certo perfil da atuação russa no espaço pós-soviético: sua participação e apoio a regiões separatistas com a confirmação da sua presença política e militar, constante. Lebelem e Villa (2022, p.129) destacam certamente que, em todos os conflitos nos quais territórios euroasiáticos estão envolvidos, dois aspectos sobressaem direta e indiretamente: “a Rússia tem estado presente em quase todos com o uso da força militar, e esse conflito é seguido de referendos políticos que procuram ratificar a adesão à Rússia ou a independência - pró-russa - de tais territórios anexados ou influenciados política e etnicamente, como no caso da Transnístria, Donetsk e Luhansk”. É interessante observar, inclusive, que antes mesmo da guerra e dos referendos em Donbass, o governo russo já havia distribuído 200.000 passaportes russos, segundo dados de Burkhardt (2020), para moradores da região entre 2014 e 2019, através da sua política de passaportização, se colocando, assim, politicamente no território.

A ação de promover referendos se repetiu em lugares como Mairupol e Kharkiv, em 2022, e aparenta ser um dos caminhos mais prováveis para outros territórios que os russos ocupam militarmente na Ucrânia. O neoimperialismo parece ser uma tendência do governo Putin principalmente no que tange à Ucrânia e, segundo Grigas (2016, p.15),

está de fato enraizado na história do império e da própria União Soviética e há, assim, uma inegável continuidade histórica entre os atuais projetos imperiais russos e os anteriores, dos Romanov e dos comunistas. A Federação Russa seguiu, em muitos aspectos, os passos de seus predecessores históricos e continua a fazê-lo devido a fatores ideológicos, culturais, de segurança e geopolíticos semelhantes, enraizados na experiência imperial secular dos três impérios: a Federação Russa, a União Soviética e o Império Russo - que ocuparam o mesmo espaço e territórios políticos russos’.

E essa tendência pode ser vista hoje em relação ao território ucraniano.

Já em relação à expansão da OTAN e à necessidade de proteger a nação russa, esses argumentos também já foram utilizados no passado e se encontram presentes nos discursos de Putin e até mesmo nos documentos de Conceito de Política Externa Russa que saíram a partir de 2000, como destacado anteriormente. A expansão da organização em direção às fronteiras russas sugere, na visão de Moscou, que o Ocidente ainda enxerga os russos como uma ameaça que precisa ser minada, como um inimigo cercado e vigiado (SEGRILLO, 2015). Autores como Mearsheimer (2014, 2022) afirmam que o Ocidente e a OTAN são responsáveis pela ocorrência do conflito e pela anexação da Crimeia, por exemplo. Fato é que o próprio Putin revelou, depois da Guerra da Geórgia, que o expansionismo da aliança estava muito perto de “cruzar uma linha vermelha” e que a entrada da Ucrânia e da Geórgia na OTAN não seria tolerada pelos russos. Tal posicionamento está refletido nas ações que ocorreram na Geórgia e, agora, em território ucraniano.

Invadir o vizinho também seria uma forma de conter essa expansão da OTAN e dificultar uma possível entrada do país na aliança. A Operação Militar, porém, parece não ter atingido seu objetivo no que tange à contenção da expansão do bloco, visto que ocorreu o fortalecimento da aliança e a adesão de outros países ao bloco. Finlândia e Suécia, que compartilham fronteiras com a Rússia, abandonaram seus respectivos status de neutralidade militar e pediram para aderir a organização, pouco tempo depois do início da guerra devido ao medo de serem os próximos alvos. O processo de inclusão da Finlândia foi finalizado em abril deste ano e o país se tornou o 31º membro da aliança. A fronteira da OTAN com a Rússia dobrou de tamanho.

Se, por um lado, a expansão da OTAN demonstra o medo causado pela invasão russa nos países vizinhos, por outro, o discurso do Kremlin de que o país sofre com a ameaça da aliança e é visto como um inimigo a ser contido ganha folego e fortalece as opiniões nacionalistas manifestadas em torno da própria Ucrânia e da integridade territorial da Rússia. Assim, essa situação tem benefícios tanto para o Ocidente quanto para Moscou.

Em relação à Ucrânia, o país conseguiu apoio dos Estados Unidos e da União Europeia via suporte militar e dinheiro. Pode-se dizer, então, que uma das consequências do conflito é o apoio do mundo Ocidental ao governo e às ações de Volodymyr Zelensky. Os Estados Unidos chamam a incursão de “invasão de Putin”, tentando subjugar o povo ucraniano, que se mantém forte ao defender sua soberania e sua democracia, e destacam que os estadunidenses junto com seus aliados e parceiros não hesitarão em apoiá-los e assim continuarão (WHITE HOUSE, 2023). Esse apoio também foi fortalecido em viagens de figuras como o presidente Joe Biden e outros representantes políticos ligados à OTAN e à União Europeia. Nenhum tratado de paz, porém, parece próximo e as iniciativas para um acordo não caminham, visto que os dois lados possuem visões diferentes sobre como seria o fim da guerra e quais seriam os próximos passos.

Ainda em relação às respostas ocidentais, (elas) não pararam apenas na expansão da OTAN e no apoio ao governo ucraniano. Novas sanções foram impostas a Moscou e aconteceu a completa retirada dos bancos russos do SWIFT. Apesar de não ser uma novidade a saída de empresas, pois um movimento parecido já havia ocorrido em 2014 após a anexação da Crimeia, as sanções atuais são mais fortes e atingem também figuras públicas como famosos oligarcas, entre os quais Roman Abramovich, ex-dono do time de futebol Chelsea.

As fases da incursão e o que vem a seguir

Quando se fala especialmente da incursão e dos avanços e retrocessos militares dos russos e ucranianos, geralmente os acontecimentos se dividem em algumas fases. Especialistas e veículos de comunicação concordam sobre a demarcação das fases e que os ataques e contraofensivas são delimitados. Contudo, a quantidade de fases difere de escritos para escritos. O ato é que essa guerra não aparenta ter um final próximo.

O início da Operação Militar Espacial, por exemplo, que seria a primeira fase da guerra, foi marcado pela tentativa de tomada de Kiev, pelas diversas frentes de batalha abertas pelos russos em território ucraniano, pelo massacre de Bucha - que levantou questões sobre uma tentativa de genocídio russo ou não - e pela tomada de Mariupol, Kherson e Zaporizhazia pelas tropas da Federação Russa. Uma segunda fase teria durado poucos meses e se concentrado principalmente na região do Donbass, após um recuo do exército russo da tentativa de tomar a capital da Ucrânia. Os militares russos conseguiram bloquear o acesso dos ucranianos aos principais portos do país e tem início uma discussão sobre a liberação dos portos para a exportação dos grãos destinada a abastecer principalmente a Europa. Nessa situação, a Turquia conseguiu mediar um pacto que liberou durante um ano a exportação de grãos através dos portos ucranianos para outros países (FERRARO, 2022; G1, 2023).

Já a terceira fase é chamada de contraofensiva ucraniana, devido aos avanços que o exército fez em algumas regiões que haviam sido tomadas pelos russos e pela movimentação que levou à mobilização parcial russa – uma mobilização de reservistas. As forças de Kiev conseguiram reaver algumas localidades em Kharkiv e avançar em Kherson. Naquele momento, o governo russo também promoveu referendos de anexação em quatro localidades: Luhansk, Donetsk, Zaporizhzhia e Kherson (idem). No caso dos referendos no Donbass, se nota que o Kremlin reproduz um padrão muito parecido com o que foi utilizado na península da Crimeia, em 2014. Como argumenta Grigas (2016, p.21), os referendos e anexações ajudam Moscou a alcançar suas ambições expansionistas e territoriais por mais que esses não sejam reconhecidos por outras partes. Moscou se utiliza do precedente Kosovo e facilita a obtenção de cidadania russa para conseguir dominar política e militarmente esses territórios.

Uma quarta fase seria marcada pela explosão de uma ponte na Crimeia e pelas intensas lutas de mercenários do Grupo Wagner e tropas ucranianas por Bakhmut, disputa que culminou na vitória do grupo Wagner. Os ucranianos também lançaram ataques com drones a cidades russas na fronteira entre os dois países e contra a capital Moscou. Pode-se apontar uma quinta fase, que seria o estágio atual da guerra, em que

Kiev recebe ainda mais armas e apoio do Ocidente e Putin anunciou o posicionamento de armas táticas em Belarus (FOLHA, 2023).

Consideradas todas as fases, é possível estimar que essa guerra parece ainda bem longe de um fim e as disputas territoriais irão perdurar por um tempo, pois a Rússia não renunciará ao seu projeto de anexar os territórios e evitar a entrada da Ucrânia na OTAN e os ucranianos não perderão parte das suas terras para os russos.

Considerações finais.

Entre números vultosos de gastos com ajuda militar à Ucrânia e às ações do presidente Zeleski, que está em toda a sorte de programas midiáticos e instituições internacionais, há uma efetiva ocupação russa que parece não recuar mesmo com a declaração de fortes ofensivas ucranianas. Não há notícia de retomada de cidades importantes nas províncias hoje dominadas por Moscou. Até mesmo o porto de Odessa permanece com operações limitadas e a Ucrânia hoje depende de dois. Esta é uma das maiores questões que o conflito apresenta hoje, do ponto de vista geopolítico.

O território volta a ser o centro das preocupações do avanço da influência russa no cenário internacional. Como assevera Mankoff (2022) em sua tese, estamos entrando em um século de Impérios Euroasiáticos. Segundo o autor, o início do século XXI está se moldando para ser uma nova era do império na região, caracterizada pela vontade de algumas potências, mais especificamente, Rússia, Turquia, Irã e China, para intervir nos assuntos de seus vizinhos usando força militar, atores locais, dependência econômica e outras ferramentas que remetem à atuação estatal. Seus governos projetam poder e influência nas respectivas fronteiras e em territórios com os quais estão ligados por laços de história, cultura, língua e religião. Este é caso do atual conflito, que ainda está longe de ter uma solução negociável pelas partes.

Referências Bibliográficas

- BURKHARDT, Fabian. **Russia's "Passportisation" of the Donbas: The Mass Naturalisation of Ukrainians Is More Than a Foreign Policy Tool.** 2020.
- BLACK, Jeremy. **Great Powers and the Quest for Hegemony The world order since 1500.** Routledge: LONDON AND NEW YORK, 2008.
- COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins**, 2015.
- DAVIS, Christopher Mark. The Russian defence industry, 1980–2025 Systemic change, policies, performance and prospects. In: Hartley, Keith and Belin, Jean (Eds.). **The Economics of the Global Defence Industry.** London and New York, Routledge, 2020.
- FERRARO, Vicente. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Conjuntura Austral**, v. 13, n. 64, p. 25-50, 2022.
- FOLHA. Entenda as fases da Guerra da Ucrânia, que chega aos 500 dias. 7 jul 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/07/entenda-as-fases-da-guerra-da-ucrania-que-chega-aos-500-dias.shtml>. Acesso em 25 ago 2023.
- GRIGAS, Agnia. **Beyond Crimea: the new Russian empire.** London: Yale University Press, 2016.
- G1. 1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa. 24 fev 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/24/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa.ghtml>. Acesso em 25 ago 2023.
- KUZIO, Taras. Why Russia Invaded Ukraine. **Horizons: Journal of International Relations and Sustainable Development**, no. 21, 2022, pp. 40–51. JSTOR. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48686695>. Acesso em 25 Aug. 2023.
- LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael Duarte. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. CEBRI-Revista: **Brazilian Journal of International Affairs**, n. 3, p. 112-136, 2022.
- MANKOFF, Jeffrey. **Empires of Eurasia.** How Imperial Legacies Shape International Security. New Haven and London: Yale University Press, 2022.
- MEARSHEIMER, John. John Mearsheimer on why the West is principally responsible for the Ukrainian crisis. Disponível em: <https://www.economist.com/by-invitation/2022/03/11/john-mearsheimer-on-why-the-west-is-principally-responsible-for-the-ukrainian-crisis>. 19 mar 2022.
- _____. **Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: the liberal delusions that provoked Putin.** New York: Foreign Affairs, 2014.
- MONTEFIORI, Simin Sebag. **Os Romanov 1613-1918.** São Paulo: Cia das Letras, 2016.

- POTY, Italo Barreto. A crise da Ucrânia de 2014 e o antagonismo geopolítico entre Rússia e os Estados Unidos in: SENHORAS, Elói Martins. **Ucrânia sob Fogo Cruzado: A Geohistória de uma Guerra** (2022). Editora IOLE, 2022. 39-69p.
- PUTIN, Vladimir. Address by the President of the Russian Federation. Kremlin, 24 fev 2022. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843/videos>
- ROSEIRA, Marcos A. O mundo tripolar – geopolítica russa no século XXI e a nova ordem internacional. **GEOgraphia**, vol: 25, n. 54, 2023
- SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do socialismo ao capitalismo**. Curitiba: Prismas, 2014. 254p.
- SERGUNIN, Alexander. **Explaining Russian Foreign Policy Behavior Theory and Practice**. ibidem-Verlag Stuttgart, 2016.
- SVARIN, David. The construction of ‘geopolitical spaces’ in Russian foreign policy discourse before and after the Ukraine crisis. **Journal of Eurasian Studies**, 2016.
- TOAL, Gerard. **Near abroad: Putin, the west, and the contest over Ukraine and the Caucasus**. Oxford University Press, 2016.
- WHITE HOUSE. FACT SHEET: One Year of Supporting Ukraine. 21 fev 2023. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/02/21/fact-sheet-one-year-of-supporting-ukraine/>. Acesso em 26 ago 2023.

Data de Submissão: 09/09/2023

Data da Avaliação: 08/08/2023